

Homenagem aos professores aposentados da Faculdade de Educação

Por Telma Borges

Gostaria de começar minha breve fala com a lembrança da cena de uma história infantil, cujo título não me recordo. Pai e filho estão diante do mar. É a primeira vez do menino que, de frente para aquela imensidão, dirige sincera e ingenuamente esta pergunta ao pai: “Você me ajuda a ver?” Ver é um dos nossos mais sofisticados sentidos, principalmente quando o tomamos metaforicamente e o faço aqui para pensar o papel que cada um de vocês, professores agora aposentados, exerceu na longa travessia como educadores, pois nunca viram sozinhos e nunca deixaram aqueles que, por ventura, foram seus alunos, orientandos ou colegas de trabalho, verem sozinhos.

Dentre as muitas possibilidades, ver pode significar compreensão intelectual ou dar-se conta de algo; examinar uma situação, compreender as causas; ficar sabendo ou obter conhecimento acerca de alguma coisa. O verbo ver me parece, neste momento, ter a medida do que nós, da Faculdade de Educação, gostaríamos de dizer ao prestar homenagem àqueles que, não raro, em razão dos muitos anos de trabalho dedicado a esta casa, deixaram seus filhos e filhas aos cuidados de outros, sob os olhos de outros. Ou seja, delegaram a outros a tarefa de ajudarem seus filhos a verem a imensidão do “mar”, enquanto aqui vocês se comprometeram diariamente para que estudantes de graduação e de pós-graduação; orientandos de iniciação científica, monografia, especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado pudessem ver melhor seus problemas de pesquisa, pois sempre tiveram ao lado, como o pai que ajuda o filho a compreender a imensidão do mar, vocês, que fizeram de sua experiência amparo, apoio para que outros pudessem, nesses ‘instantes de perigo’, fazer sua travessia acadêmica sabendo que não iam só.

A esse ver junto gostaria de dar o nome de amizade, no sentido filosófico que o vocábulo tem. “É claro que também se abre um mundo de perguntas: qual amizade?” E aqui, para ver melhor, quero contar com as palavras de Walter Kohan, que assim se interroga sobre o termo: “Amizade para quê? Entre quem e quem? Ou, melhor ainda, amizade

entre que e quê? O que significa ensinar? O que significa aprender? Qual é a relação que a amizade no pensamento de quem ensina permite estabelecer com quem aprende?” (KOHAN, 2003). Quando vocês ajudam a ver, para além do conhecimento que se descortina diante dos olhos de quem aprende, pela possibilidade de ver a partir de diferentes ângulos, cria-se uma conexão pelo afeto porque ensinar e aprender passam a fazer parte de um mesmo campo de sentido. Quando o menino convocou o pai a ver junto com ele, no fragmento da história que apresentei, há um pedido de ajuda ao saber do pai, mas há também um pai que, de repente aprende com esse filho a ver com olhos desacostumados, o que me faz lembrar uma frase de Riobaldo em *Grande sertão: veredas*: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.” (ROSA, 2001, p. 437).

Então, a amizade que nasce entre quem ensina e quem aprende, a meu ver, está relacionada ao fato de que são ações intercambiáveis. Na língua francesa ensinar e aprender têm a mesma origem. Não há essa correspondência entre os verbos na língua portuguesa, mas a ação em si explicita que a experiência é solidária, não existe só, mesmo que estejamos fisicamente sozinhos numa biblioteca, por exemplo, lendo um livro. Na solidão da leitura, temos uma companhia, a do autor, daquele que, na solidão da escrita, se juntou a outros autores, ouviu outras vozes, requisitou outros olhares para não ver sozinho. Essa imagem me leva a outra forma colaborativa do ver que vocês deixam como legado, que é a produção acadêmica.

Com certeza foram muitos artigos, ensaios, capítulos de livros e livros escritos; participações em congressos, bancas, ofertas de cursos, de oficinas, palestras, conferências... Vista assim numa página do Lattes, essa produção talvez não nos diga muito, mas sabemos, por experiência própria, que cada linha escrita, cada frase pronunciada, cada detalhe dessa produção vem carregada do gesto que exigiu o esforço da investigação, da busca que resulta num modo de ver e de dar a ver um conhecimento, o qual nos fica como importante legado e a certeza de que a aposentadoria não cessa sua contribuição, já que esse modo de ver e de produzir o saber continua nos guiando pelos caminhos do ensino, da pesquisa e da extensão.

Então, a aposentadoria me parece apenas uma travessia para um estágio no qual vocês se afastam um pouco das coisas desta casa, mas continuam em espaços específicos, como na pós-graduação, em projetos, mas no herança que nos deixam, por muito tempo continuará reverberando no nosso modo de ver, que tem, de alguma forma, sua importante contribuição.

Cheguei nesta casa há pouco; estou apenas começando a trilhar esse caminho que vocês percorreram e que com certeza pavimentaram, deixando a travessia menos árdua para mim e tantos outros. Nesse sentido, posso dizer que estamos na ponta de um mesmo processo: quando vocês aqui chegaram, muitos foram os que lhes ajudaram a ver possibilidades para esse percurso; foram faróis. E vocês iluminarão muitos caminhos. Essa solidariedade entre quem chega, quem já está e quem está partindo, me faz lembrar a palavra de origem africana UBUNTU, que pode ser assim traduzida: “eu sou porque nós somos” e que, de alguma forma, expressa o que venho tentando traduzir com a metáfora do ver: “um ser humano só existe em função de outros seres humanos”, pois o que dá sentido à nossa humanidade é nossa capacidade para a partilha, para ver junto.

Nós, professores da Faculdade de Educação da UFMG, temos muito orgulho da trajetória de vocês nesta Faculdade e somos imensamente gratos por terem escolhido fazer essa travessia ao nosso lado!

Belo Horizonte, 25 de novembro de 2019.